

Ecologia Integral e liberdade humana: ética, educação e responsabilidade

*Integral Ecology and Human Freedom:
ethics, education and responsibility*

Marta Chiara e Silva

Resumo

Há 10 anos da publicação da Encíclica *Laudato Si'*, somado à posição de ambientalistas, cientistas e outros líderes religiosos que também se manifestaram sobre a necessidade de regularmos o nosso cuidado com o ambiente, nos questionamos a que ponto estamos. Que desafios devemos ainda perseguir para tais declarações saírem da esfera do discurso e se tornarem compromisso e ação por parte de todos? Para enfrentar tamanhos desafios, é imprescindível um esforço global que priorize educação, ética e responsabilidade, garantindo que os avanços tecnológicos beneficiem a todos e tenha em conta os cuidados com o planeta. Metodologicamente, dispomos a pesquisa em três partes. Inicialmente, evidenciamos que a globalização do paradigma tecnocrático, com a intervenção desmedida do agir humano no ecossistema, fundamenta-se na concepção de um ser humano sem limites, obcecado pela ideia de aumentar sempre mais o seu poder. Em seguida, apresentamos a posição de autores que acusam a necessidade de uma ética para a civilização tecnológica. Por fim, constamos a urgente necessidade de educar as novas gerações por meio de uma formação integral da pessoa, orientada para a verdadeira liberdade que é assumir responsabilidades com criatividade, a fim de construir um mundo mais saudável, mais humano, mais social, mais integral.

Palavras-chave: Ecologia Integral. Liberdade humana. Ética. Educação. Responsabilidade.

Abstract

Ten years after the publication of the Encyclical *Laudato Si'*, together with the position of environmentalists, scientists and other religious leaders who have also spoken out about the need to regulate our care for the environment, we ask ourselves where we are now. What challenges must we still pursue so that such statements can move beyond the sphere of discourse and become commitment and action on the part of all? To face such challenges, a global effort is essential that prioritizes education, ethics and

responsibility, ensuring that technological advances benefit everyone and take into account the care of the planet. Methodologically, we have divided the research into three parts. First, we show that the globalization of the technocratic paradigm, with the excessive intervention of human action in the ecosystem, is based on the conception of a human being without limits, obsessed with the idea of ever increasing his power. Next, we present the position of authors who argue for the need for an ethics for technological civilization. Finally, we note the urgent need to educate the new generations through a comprehensive formation of the person, oriented towards true freedom, which is assuming responsibilities with creativity, in order to build a healthier, more human, more social, more integral world.

Keywords: Integral Ecology. Human freedom. Ethics. Education. Responsibility.

Introdução

A Encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado da casa comum, emergiu em um momento crucial da história humana, marcado por uma degradação ambiental sem precedentes. Ela representa um sopro do Espírito a impulsionar a Igreja em um movimento de saída, capacitando-a a interpretar os sinais e as necessidades dos tempos para responder às novas realidades que a humanidade enfrenta. Trata-se de um posicionamento ético, religioso e moral sobre a crise ambiental e sobre as consequências para a sociedade como um todo.

Nela, Papa Francisco enfatizou sua preocupação pela natureza e pela promoção da justiça social e da paz ao denunciar que os mais pobres, os menos providos, são os mais afetados pelos impactos da crise ambiental. Evidenciou ainda, o drama da exploração da natureza e do ser humano pelo próprio ser humano. A crise ambiental planetária é, na realidade, uma crise de valores e da vivência de uma liberdade humana malformada, autocentrada.

Com tal encíclica, Francisco contribuiu para despertar a consciência, por vezes adormecida, de estudiosos, cientistas, políticos, tomadores de decisão e leigos em geral para a questão da crise ambiental. Advertindo que o remédio para os problemas ambientais vai muito além de soluções técnicas, por requerer uma mudança radical na escala de valores e um estilo de vida, que tenha em conta os cuidados com a Casa Comum e o futuro daqueles que não de vir.

Mas, o futuro já está aí, e não nos queixamos disso, ninguém quer voltar ao *modus vivendi* do passado. Os avanços tecnológicos proporcionaram progressos consideráveis nas condições de vida humana; multiplicaram-se as possibilidades de acesso à cultura e ao exercício concreto da liberdade. Não há volta. Tais progressos, no entanto, revelam um preço bastante alto a ser pago. O futuro do planeta, a sobrevivência das espécies, dependem doravante de decisões refletidas da comunidade humana.¹ Diante desse cenário desafiador, nos perguntamos: qual é a missão que nos incumbe?

Há 10 anos da publicação desse importante documento, somado à posição de ambientalistas, cientistas e outros líderes religiosos que já se manifestaram sobre a

¹ GAGEY, H-J., A Igreja diante da crise contemporânea, p. 313-315.

necessidade de regularmos o nosso cuidado com o ambiente, nos questionamos a que ponto estamos. Que desafios devemos ainda perseguir para tais declarações saírem da esfera do discurso e se tornarem compromisso e ação por parte de todos?

Os fatos estão a nos mostrar que, para enfrentar tais desafios, é imprescindível um esforço global que priorize educação, ética e responsabilidade, garantindo que os avanços tecnológicos beneficiem a todos, e tenha em conta os cuidados com o planeta.

Com esta premissa, apresentamos a nossa reflexão em três partes. Inicialmente, evidenciamos que a globalização do paradigma tecnocrático, com a intervenção desmedida do agir humano no meio ambiente, tem provocado a grave crise ambiental em nossos dias. Os recentes avanços tecnológicos se fundamentam na ideia de um ser humano sem limites, obcecado pela ideia de aumentar sempre mais o seu poder. Em seguida, para superar estes desafios, apresentamos a posição de autores que acusam a necessidade da emergência de uma ética para a civilização tecnológica, uma ética para a responsabilidade. Por fim, constamos a urgente necessidade de educar as novas gerações por meio de uma formação integral da pessoa, a partir da reconstrução do tecido de suas relações fundamentais. Uma educação orientada para a verdadeira liberdade, que é assumir responsabilidades, a fim de enriquecer o mundo com o próprio contributo e criatividade, por meio de um progresso mais saudável, mais humano, mais social, mais integral.

1. O paradigma tecnocrático: liberdade e poder

O Papa Francisco denunciou, insistentemente, as falácias do paradigma vigente, seja em sua carta encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da casa comum, seja em sua exortação apostólica *Laudato Deum* sobre a crise climática. A globalização da lógica do paradigma tecnocrático dominante, com incidência no meio ambiente, tem provocado a grave crise ecológica dos nossos dias. Trata-se de “um modo desordenado de conceber a vida e a ação humana, que contradiz a realidade até o ponto de arruiná-la”.²

Como se a realidade, o bem e a verdade desabrochassem espontaneamente do próprio poder da tecnologia e da economia, acreditando-se facilmente na ideia de um crescimento infinito ou ilimitado.³ Com efeito, a ideia de ausência de limite se revela equivocada, enganosa, tanto em termos ecológicos como antropológicos. Pois, como já tivemos de aprender, há um preço que se paga por um progresso “desenfreado”: com cada ganho também se perde algo valioso. Por isso, não é demais lembrar que o custo humano, animal e ambiental da civilização é alto e, com o progresso “sem rédeas”, tende a aumentar.⁴

Nunca, como hoje, a humanidade teve tanto poder sobre si mesma. A vontade de domínio cultivada pelo excesso de uma razão unidimensional se converteu numa verdadeira ameaça à sobrevivência da espécie humana e do planeta inteiro. Os traumatismos históricos de Auschwitz, Hiroshima e Chernobyl denunciam a perversidade da razão unívoca identificada com o poder tecnocrático e com a política que o acompanhou com sua justificação ideológica.⁵

² LS 101.106; LD 20.

³ LS 106.

⁴ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p. 269.

⁵ LS 104. MENDONZA-ÁLVAREZ, C., O Deus escondido da pós-modernidade, p. 71.

O drama dos homens de ciência pode ser percebido, por exemplo, na fala de Oppenheimer que, ao se dar conta dos efeitos perniciosos de seu trabalho na busca da fissão nuclear, aplicados em Hiroshima, teria reconhecido que, naquele momento, o cientista puro tomou conhecimento do pecado. A partir de então, a paz de consciência dos cientistas foi abalada em todos os campos da investigação.⁶ Tal constatação se faz sentir também na voz de um gênio como Einstein:

Nós, cientistas, cujo trágico destino tem sido ajudar a fabricar os mais hediondos e eficazes métodos de aniquilação, devemos considerar nossa missão solene e fazer tudo o que estiver em nosso poder para evitar que essas armas sejam usadas para propósito brutal.⁷

E acrescenta:

Por uma penosa experiência, aprendemos que o pensamento racional não é suficiente para resolver os problemas de nossa vida social. O intelecto tem um olho aguçado para os métodos e ferramentas, mas é cego quanto aos fins e valores. A ciência pode apenas determinar o que é, não o que dever ser. Esse é o campo da ética e da religião.⁸

Mas, apesar de tudo, parece que a humanidade, dos que estão no poder ou não, tem memória curta e está longe de aprender a lição. Os horrores das guerras, nos momentos mais recentes da história, demonstram isso de forma evidente e incontestável. Como, e, mais do que nunca, a paz está comprometida na maior parte do nosso planeta; as injustiças abrem um fosso sempre maior entre uma minoria rica que detém a riqueza e o poder e uma multidão privada de meios para viver dignamente, ou apenas para sobreviver; erguem-se muros e alimentam-se inimizades. Enfim, vivemos num mundo atormentado com tantos conflitos, que anseia, mas não consegue chegar à paz.

Os recentes progressos tecnológicos, a manipulação genética ou mesmo a exteriorização da memória que produz identidade nas inteligências artificiais, fundamentam-se na ideia de um ser humano sem limites, obcecado pela ideia de aumentar sempre mais o seu poder. A verdade, afirmou o Papa Francisco, é que o indivíduo moderno não foi educado para o reto uso do poder, porque o desenvolvimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores, à consciência.⁹

Contudo, embora pretenda alcançar uma independência sem limites, o ser humano não é plenamente livre e autônomo. Liberdade e autonomia não são independências, tampouco são contrárias à criação e à relação que devemos ter com Deus e com os nossos semelhantes. Por conseguinte, é necessário haver normas de liberdade e que a autonomia seja estabelecida em uma comunhão com uma comunidade.¹⁰ A liberdade humana adoece quando se deixa guiar pelas forças cegas do inconsciente, do egoísmo, da violência brutal. Neste sentido, o ser humano está nu diante do seu próprio poder, carente de uma ética

⁶ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p. 19.

⁷ EINSTEIN, A., Escritos da maturidade, p. 161.

⁸ EINSTEIN, A., Escritos da maturidade, p. 162.

⁹ LD 21-24; LS 105.

¹⁰ LD 21-24; LS 105.

sólida, uma cultura e uma espiritualidade que ponha limites à sua liberdade, a fim de o manter num lúcido domínio de si.¹¹

“O paradigma tecnocrático tornou-se tão dominante que é muito difícil prescindir dos seus recursos, e mais difícil ainda é utilizar os seus recursos sem ser dominados pela sua lógica”.¹² Não obstante, nem tudo está perdido, é possível voltar a ampliar o olhar, porque os seres humanos podem se superar, voltar a escolher o bem e regenerar-se, para além de qualquer condicionalismo psicológico e social que lhe seja imposto. Eles são capazes de encetar novos rumos à verdadeira liberdade, e esta, por sua vez, é capaz de limitar e dominar a técnica, orientá-la e colocá-la a serviço de outro tipo de progresso, um progresso mais saudável, mais humano, mais social, mais integral.¹³

Nesse sentido, o Papa Francisco lançou um apelo, especialmente às fiéis e aos fiéis católicos, para nos reconciliarmos com o mundo que nos hospeda e para enriquecê-lo com o próprio contributo, pois o nosso empenho tem a ver com a dignidade pessoal e com os grandes valores. O Papa reconheceu, no entanto, que as soluções mais eficazes não virão apenas dos esforços pessoais, mas sobretudo das grandes decisões da política nacional e internacional.¹⁴

Por isso, somos convidados/as a exercer nossa responsabilidade cidadã no controle do poder político em nível municipal, regional e nacional porque o futuro é de todos nós. Se quisermos ter um amanhã, ter um futuro, temos que constituir um novo desejo de mundo, outro espaço de convivialidade, de participação e de corresponsabilidade.

Estamos diante de um grande desafio cultural, ético, educativo que implicará longos processos de regeneração. E, ao que parece, este cenário só poderá ser modificado quando estivermos dispostos a construirmos a “amizade social” a fim de vislumbrarmos novos caminhos que nos impulsionem a assumir a responsabilidade para mudar os rumos da história. Este é o sonho em direção ao qual o Papa Francisco impulsionou a Igreja e todos os homens e mulheres de boa vontade a se empenharem para torná-lo realidade. Mas por onde começar?

2. A necessidade de uma nova ética

Perante os acontecimentos advindos na era da civilização tecnológica, em que a promessa da tecnologia moderna se converteu em perigosa ameaça para o ser humano e o planeta, vozes uníssonas evocam a urgência de uma nova ética; que ponha freios voluntários, e impeça o poder dos seres humanos de se transformar em uma desgraça para eles mesmos.¹⁵

Neste sentido, Paulo Freire adverte que o discurso da globalização que fala da ética omite que a sua ética é a ética do mercado e não a ética universal do ser humano. Segundo o autor, a ética do mercado sem limites é licenciosidade do lucro, se torna privilégio de uns poucos que, em condições favoráveis, reforçam seu poder em detrimento dos direitos de muitos, inclusive o direito de sobreviver.¹⁶

¹¹ LS 105.

¹² LS 108.

¹³ LS 112. 205.

¹⁴ LD 69.

¹⁵ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p. 21. 229.

¹⁶ FREIRE, P., Pedagogia da autonomia, p. 141-146.

Além disso, o progresso científico e tecnológico, que não responde fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades de nossa existência, perde sua significação. Não se trata, no entanto, acrescenta o autor, de inibir a pesquisa e frear os avanços científicos, mas de orientá-los a serviço dos seres humanos. De nada adianta, a não ser equivocadamente para uma minoria que terminaria fenecendo também, uma sociedade eficazmente operada por máquinas altamente “inteligentes”, substituindo mulheres e homens em atividades as mais variadas, e milhões de “Marias” e “Josés” sem ter o que fazer.¹⁷ E não é isso o que já estamos vendo acontecer?

A um desenvolvimento tecnológico que põe em risco milhares de homens e mulheres de perder seu trabalho, deveria surgir outro avanço tecnológico que estivesse a serviço das vítimas do progresso anterior. Para o autor, fica claro que esta é uma questão ética e política e não tecnológica. Ele elucida que, assim como não podemos usar nossa liberdade de fazer coisas, de agir, de criticar para impedir a liberdade de outrem de fazer e de ser, do mesmo modo não poderíamos ser livres para usufruir dos avanços tecnocientíficos que levam milhares de pessoas à desesperança.¹⁸

Como podemos ver, o desemprego no mundo não é uma fatalidade. Pelo contrário, é consequência de uma economia globalizada e de avanços tecnológicos desenfreados, a que vem faltando o *dever ser* de uma ética que esteja a serviço do ser humano e não do lucro e da ganância das minorias que comandam o mundo. O discurso ideológico da globalização aponta, enfim, para a necessidade de uma ética da solidariedade humana, pois se queremos superar a crise em que nos achamos, o caminho ético se impõe, ressalta o autor.¹⁹

Hans Jonas, por sua vez, em face ao perigo que se descortina perante um futuro sombrio ameaçado pelo próprio agir humano, propõe ao pensamento e à conduta humana uma nova ética, a ética da responsabilidade, para a civilização tecnológica. O autor acredita que a técnica moderna acarretou uma mudança na natureza do agir humano. E, já que a ética tem a ver com o agir, logo se conclui que a natureza modificada do agir humano também requer uma mudança na ética.²⁰

Segundo H. Jonas, a ética, em seu parâmetro tradicional, estava fundada numa perspectiva demasiadamente antropocêntrica, concentrada na qualidade moral do ato momentâneo em si, no qual o direito do próximo tinha de ser observado, não afetando a natureza das coisas extra-humanas. Em tal perspectiva, a “responsabilidade pelos que virão” não constituía uma norma natural da conduta humana e a natureza tampouco era objeto de responsabilidade humana, pois cuidava de si mesma.²¹ No entanto, com a intervenção desmedida do agir humano no meio ambiente, esse cenário mudou radicalmente, de modo que nos encontramos, hoje, diante da iminência do esgotamento dos recursos naturais da Terra. Por isso, a ética tradicional não dá mais conta de responder aos desafios contemporâneos.

No entanto, H. Jonas não está querendo dizer com isso que a ética tradicional se tornou dispensável para os tempos atuais. Por certo, as prescrições da ética “do próximo”,

¹⁷ FREIRE, P., *Pedagogia da autonomia*, p. 148-149.

¹⁸ FREIRE, P., *Pedagogia da autonomia*, p. 147.

¹⁹ FREIRE, P., *Pedagogia da autonomia*, p. 147.

²⁰ JONAS, H., *O princípio responsabilidade*, p. 29.

²¹ JONAS, H., *O princípio responsabilidade*, p. 35-37. 211.

a justiça, a misericórdia, a honradez etc., continuam válidas para a esfera da interação humana. Mas essa esfera torna-se obscurecida pelo crescente domínio do fazer coletivo, no qual ator, ação e efeito não são mais os mesmos da esfera próxima. Isso impõe à ética uma nova dimensão de responsabilidade, dantes jamais imaginada.²²

Sob o signo da tecnologia, a ética tem a ver com ações (não mais de sujeitos isolados) que projetam consequências inimagináveis na direção do futuro. Diante do perigo absoluto que paira neste momento da história mundial, o que está em questão é o futuro da humanidade e o futuro da natureza. Tal ameaça, no entanto, vai além do perigo da pura e simples destruição física da humanidade, ela diz respeito à sua morte essencial, aquela que advém da desconstrução e a aleatória reconstrução tecnológica do ser humano e do ambiente. A ética que deve preservar ambos precisa ir além da sagacidade e tornar-se uma ética do respeito.²³

Em vista disso, H. Jonas, inspirado no imperativo categórico de Kant, propõe um novo imperativo tornado princípio, adequado ao novo tipo de agir humano e voltado para o novo tipo de sujeito atuante: “Aja de modo que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra”; ou, formulado negativamente: “Não ponha em perigo as condições necessárias para a conservação indefinida da humanidade sobre a Terra”.²⁴ O autor insiste no fato de que nós não temos o direito de escolher a não-existência de futuras gerações em função da existência atual, ou mesmo de as colocar em risco. Por isso, o seu imperativo volta-se muito mais à política pública do que à conduta privada. Ele diz que,

o novo imperativo clama por outra coerência: não, a do ato consigo mesmo, mas a dos seus efeitos finais para a continuidade da atividade humana no futuro. E a “universalização” que ele visualiza não é hipotética, isto é, a transferência meramente lógica do “eu” individual para um “todos” imaginário, sem conexão causal com ele (“se cada um fizesse assim”): ao contrário, as ações subordinadas ao novo imperativo, ou seja, as ações do todo coletivo, assumem a característica de universalidade na medida real da sua eficácia.²⁵

A nova ética que H. Jonas está propondo é, portanto, uma ética orientada para os deveres do futuro. Segundo ele, vivemos hoje uma crise sem precedentes. E o espectro dessa crise é tão amplo que soluções tradicionais não têm eficácia. O que importa na atual situação é promover uma ética de conservação, de proteção e cuidado e não uma ética do progresso e do desenvolvimento desenfreados, a fim de poder garantir a sobrevivência da vida humana e salvar a dignidade humana de suas ameaças. O cuidado com a natureza como uma responsabilidade humana é seguramente um *novum* sobre o qual uma nova teoria ética deve ser pensada.²⁶

As razões geradoras desta situação, segundo H. Jonas, residem na aliança que se estabeleceu entre o domínio do conhecimento científico e o poder econômico, na qual a

²² JONAS, H., O princípio responsabilidade, p. 39.

²³ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p. 18-22.

²⁴ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p. 47-48.

²⁵ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p. 47-49.

²⁶ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p. 39. 232.

técnica acaba deixando de ser meio ou instrumento para determinar-se como fim em si.²⁷ Dito de outra forma, na arena do novo paradigma tecnocrático, está ocorrendo o divórcio entre a ciência e a ética. Ao se divorciar da ética, o saber científico abandona a relação anterior e contrai uma nova aliança, dessa vez com o poder econômico. E como nos advertiu o Papa Francisco, “a técnica separada da ética dificilmente conseguirá autolimitar o seu poder”.²⁸

Entretanto, continua H. Jonas, a ideia de que saber é poder revela-se insuficiente, incapaz de proteger o ser humano de si mesmo, e a natureza, do ser humano. Ambos, no entanto, necessitam de proteção em virtude da magnitude do poder que se alcançou ao se buscar o progresso técnico.²⁹ Na visão de H. Jonas,

o poder tornou-se autônomo, enquanto sua promessa transformou-se em ameaça e sua perspectiva de salvação, em apocalipse. Torna-se necessário, agora, um poder sobre o poder. (...) Depois que um poder de primeiro grau, voltado para um mundo que parecia inesgotável, transformou-se em um poder de segundo grau que foge a todo controle do seu usuário, chegou a vez de um terceiro grau de poder, capaz de autolimitar a dominação que arrasta o condutor, antes que este se estraçalhe de encontro aos limites da natureza. Um poder sobre todo aquele poder de segundo grau, que não mais pertence ao ser humano, mas ao próprio poder, que dita as regras do seu uso ao seu suposto usuário, transformando-o em mero executor involuntário de sua capacidade. Que, portanto, em vez de libertar o ser humano, o escraviza.³⁰

Mas, a questão que Hans Jonas se põe é de onde se pode esperar esse poder de terceiro grau que restituirá ao ser humano novamente, e ainda em tempo, o controle sobre “seu” poder, rompendo esse poder autônomo, que se tornou tirânico. Segundo ele, esse poder tem de surgir da própria sociedade, pois não há perspectiva, responsabilidade ou medo privado que esteja à altura dessa missão.³¹

Ao que nos parece, H. Jonas está querendo enfatizar que, para enfrentar a magnitude dos problemas causados pela intervenção técnica do fazer humano sobre os ecossistemas, e, agora, na iminência de poder intervir, na natureza interna, é necessário um novo imperativo ético que dê conta dos desafios contemporâneos. Esses novos e complexos desafios só poderão ser enfrentados com eficácia, se houver um novo tipo de agir humano e um novo tipo de sujeito atuante. Trata-se não simplesmente de alterar o agir, mas, fundamentalmente, o agente da ação.

Todavia, esse sujeito atuante não é mais um espírito individual, mas, cada vez mais, “o espírito coletivo” da sociedade. Importa aqui o ator coletivo e o ato coletivo, não o ator individual e o ato individual. É todo o corpo político-social-religioso que deve agir imbuído e animado pelo mesmo propósito; exigindo de todos e de todas, não apenas a constatação dos problemas, mas, sobretudo, a decisão de assumir a responsabilidade pela vida humana e extra-humana, presente e futura, de todo o planeta, e agir de consequência.

As ações individuais, sem dúvida, são importantes e devem continuar a ser feitas,

²⁷ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p. 272.

²⁸ LS 136.

²⁹ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p. 236.

³⁰ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p. 237.

³¹ JONAS, H., O princípio responsabilidade, p. 237.

mas estas, apenas, não bastam. É necessário que elas extrapolem o âmbito interpessoal e alcancem a esfera macrosocial. As morais fundamentadas no sujeito não têm condições de enfrentar tamanho desafio planetário. Só uma ética que nos responsabilize e seja assumida por todos e todas pode desempenhar o papel de indicar a direção, os valores e os fins a serem perseguidos e utilizar os meios como aquilo que realmente são, sem transformá-los em fins em si mesmos.³²

É desse modo que H. Jonas elige a responsabilidade como princípio fundamental para guiar a ação humana e para fundamentar uma ética para a era tecnológica. Uma ética que extrapole os contornos das relações interpessoais e se abra para a cultura do cuidado, para assumir a responsabilidade de preservar e desfrutar da natureza com criatividade, admiração, respeito e honestidade, a fim de reatar a aliança rompida entre a humanidade e a criação. Mas, para tanto, torna-se indispensável a promoção de uma educação para viver a liberdade com responsabilidade.

3. Educar para viver a liberdade com responsabilidade

O Papa Francisco enfatizou que muitas coisas devem reajustar o próprio rumo, mas antes de tudo é a humanidade que precisa mudar, que precisa fazer a experiência de uma conversão, de uma mudança de coração. E este parece ser o maior desafio. Superar o individualismo, romper com a consciência isolada e a auto referencialidade para desenvolver um estilo de vida alternativo. Como nunca na história, o destino comum nos obriga a procurar um novo início, a abandonar uma etapa de autodestruição. Entretanto, ainda não desenvolvemos uma consciência universal que torne isso possível.³³

Com efeito, se a crise ecológica é uma expressão ou manifestação externa da crise ética, cultural e espiritual da modernidade, não podemos nos iludir de sanar a nossa relação com a natureza e o meio ambiente, sem curar as relações humanas fundamentais. Não se pode propor uma relação com o ambiente, prescindindo da relação com as outras pessoas e com Deus, do contrário, incorreríamos num individualismo romântico, disfarçado de beleza ecológica e precipitaríamos num confinamento imanente asfixiante, elucida Francisco.³⁴

Os “sinais dos tempos” apontam para a necessidade urgente de uma educação para a verdadeira liberdade que é assumir responsabilidades; pôr-se voluntariamente a serviço do bem comum; buscar a plena realização de si próprio no amor efetivo e criativo ao próximo. Uma educação que ensine a pensar criticamente o nosso mundo e suas relações e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores, capaz de motivar atitudes proativas no cuidado para com o outro e o meio ambiente.³⁵

Papa São Paulo VI afirmou, certa vez, que não se pode progredir na vida cristã, se não progredirmos no uso autêntico e legítimo da liberdade. Mas, o uso da liberdade não é fácil. Por isso, diz ele, é necessário que ela seja educada e formada em vista do autêntico

³² JONAS, H., O princípio responsabilidade, p. 54.

³³ LS 202-208.

³⁴ LS 119.

³⁵ LS 211; EG 64.

desenvolvimento do espírito e do operar humano, bem como da convivência social.³⁶ Educar para a liberdade não é tarefa fácil, como decerto não era nos tempos de outrora. É por isso que precisamos de sabedoria, de abertura à graça para escutar a voz do Espírito. E será que não é desta sabedoria que o mundo contemporâneo carece e espera?

Todavia, para enfrentar uma situação tão complexa como a atual, as análises interdisciplinares apontam na direção de que não bastam apenas iniciativas individuais isoladas para fomentar uma possível transformação, pois essas, por si só, não conseguirão solucionar o problema. Para tanto, torna-se necessário o envolvimento e a colaboração de todas as redes comunitárias: das escolas, das famílias, das universidades, da sociedade, dos meios de comunicação, de políticas públicas, das associações religiosas e esportivas, dentre outras.³⁷

Precisamos desenhar a utopia de um mundo melhor, por meio de uma ética sólida, uma cultura e uma espiritualidade que nos motive, encoraje e dê sentido à ação pessoal e comunitária, que ajude a humanidade efetivamente a crescer na solidariedade, na responsabilidade, no cuidado e na compaixão. Em vista disso, o Papa Francisco lançou um convite mundial, dirigido a todas as pessoas que trabalham no campo da educação e da pesquisa, para juntas dialogarem sobre o modo como estamos construindo o futuro do planeta. Para isso, ele propôs um *pacto educativo* comum, “para reavivar o compromisso em prol e com as novas gerações, por meio de uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta, diálogo construtivo e mútua compreensão”.³⁸

O Pacto Educativo Global, no entanto, não se limita as agências educativas, mas deve ser compartilhado por todos: representantes das religiões, dos organismos internacionais e das diversas instituições humanitárias do mundo acadêmico, econômico, político e cultural; pois como afirma um provérbio africano: “para educar uma criança, é necessária uma aldeia inteira”. Mas precisamos construir essa aldeia educativa global, afirmou o Papa.³⁹

Precisamos educar as novas gerações por meio do desenvolvimento integral da pessoa a partir da reconstrução do tecido das relações. Pois, se queremos fazer crescer no mundo a fraternidade universal, não basta apenas educar para “conhecer-se a si mesmo”; é necessário também “conhecer o irmão”, para aprender a acolher o outro; é necessário “conhecer a criação”, para aprender a cuidar da casa comum; é necessário “conhecer o Transcendente”, para abrir-se ao grande mistério da vida. São verdades que dão sentido à existência.⁴⁰ Enfim, é preciso educar cada pessoa na sua integralidade, isto é, pensamento, sentimento e ação: pensar o que se sente e o que se faz; sentir o que se pensa e o que se faz; e fazer o que se pensa e o que se sente.⁴¹

É necessário enfim desenvolver uma nova síntese, que ultrapasse as falsas dialéticas dos últimos séculos, que tome em mãos as rédeas dos acontecimentos para reajustar o próprio rumo e criar a situação. Trata-se de iniciar processos de transformação e olhar para o futuro

³⁶ PAULO VI, PP., Autenticamente livre em relação à verdade e autoridade.

³⁷ LS 219.

³⁸ FRANCISCO, PP., Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo.

³⁹ FRANCISCO, PP., Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo.

⁴⁰ FRANCISCO, PP., Discurso sobre o Pacto Educativo Global.

⁴¹ FRANCISCO, PP., Discurso sobre o Pacto Educativo Global.

com esperança.⁴² No dizer de Italo Fiorin, “para quem professa os valores do cristianismo, a situação dramática do nosso tempo deveria constituir um sinal de alarme: que cultura, que ética de vida queremos comunicar e somos capazes de transmitir?”.⁴³

Enfim, caberia aqui fazer eco às palavras de Adolphe Gesché quando diz que a liberdade é sempre responsabilidade, decisão, resposta, e é precisamente numa relação de alteridade que se constrói a verdadeira autonomia. O sentido de uma ética da alteridade e da responsabilidade finca suas raízes no “Eis-me aqui”, no sim que o ser humano pronuncia diante de Deus e diante do outro que o interpela, o provoca a sair de si. A liberdade é responsabilidade porque ela responde a um apelo incessante da criação que a quer como tal, e a uma responsabilidade por tarefas novas que surjam. “A criação espera impaciente a revelação dos filhos de Deus para poder participar da liberdade deles” (Rm 8, 19.21).⁴⁴ “A criação é acesso à liberdade, e esta, apelo à criação”.⁴⁵

Conclusão

Em um mundo onde o progresso científico e tecnológico se multiplica exponencialmente, mas no qual, ao mesmo tempo, e paradoxalmente, parece crescer cada vez mais uma sensação de isolamento e de falta de compromisso comunitário, nos questionamos sobre o significado profundo do ser humano, sobre sua realização, sua verdadeira liberdade. As mudanças pelas quais o indivíduo e a sociedade estão passando evidenciam os limites da nossa condição humana, mas também o seu potencial criativo, transformador do mundo e da história. Com efeito, tal potencial criativo desvinculado de uma ética da solidariedade e da responsabilidade, voltado sobremaneira para a ganância e o poder, deixa a liberdade humana enferma.

Uma liberdade autocentrada, curvada sobre si mesma, acaba por provocar a ruptura de sua rede de relações: com Deus, com a criação, com o próximo. O Papa Francisco emergiu como um farol diante de tantas perplexidades do nosso mundo. Ele não fugiu, não negou, mas apontou caminhos, abriu portas. À crise da relação com Deus, ele respondeu com a *Evangelii Gaudium*; à ruptura com a criação, ele respondeu com a *Laudato Si' e a Laudato Deum*; à ruptura com o próximo, ele respondeu com a *Fratelli tutti*. À crise global do sentido, ele instituiu no Vaticano a “Universidade do sentido”.

A construção de um futuro sustentável, portanto, requer a implementação de ações educacionais coordenadas, garantindo que todas as pessoas tenham acesso às ferramentas necessárias para desenvolver uma consciência crítica e atuar de forma ativa na transformação socioambiental. Não cumprimos essa agenda se não estruturarmos modelos educacionais acessíveis e inclusivos, capazes de preparar as novas gerações para um mundo no qual a interação entre humanidade e tecnologia seja conduzida com responsabilidade, ética e visão sistêmica.

Deus é Providência e cada vez mais percebemos que o que o Papa Francisco propôs à Igreja e a todos os homens e mulheres de boa vontade foi fruto do seu caminho de

⁴² LS 121. 210.

⁴³ FIORIN, I., *Un nuovo maestro*, p. 199.

⁴⁴ GESCHÉ, A., *O sentido*, p. 65.

⁴⁵ GESCHÉ, A., *O sentido*, p. 43.

discernimento na escuta do Espírito que aponta para a direção certa. O Espírito que cumpre a promessa de Jesus de estar conosco, também de forma visível, até o final dos tempos.

Referências bibliográficas

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2016.

EINSTEIN, Albert. **Escritos da maturidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

FIORIN, Italo. Un nuovo maestro, una scuola nuova. **Pedagogia Christiana** – The Pedagogy of Chiara Lubich, v. 43, n. 1, p. 193-210, 2019.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica *Laudato si'***: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Laudato Deum***: sobre a crise climática. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/20231004-laudato-deum.html>. Acesso em: 25 out. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem do Papa Francisco para o lançamento do pacto educativo**. Vaticano, 12 set. 2019. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html>. Acesso em: 29 nov. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Discurso do Papa Francisco**. Encontro “religiões e educação: pacto educativo global”. Sala Clementina, 5 out. 2021. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211005-pattoeducativo-globale.html>>. Acesso em: 29 nov. 2023.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GAGEY, Henri-Jérôme. A Igreja diante da crise antropológica contemporânea: o que fazer? **Perspectiva Teológica**, v. 46, n. 129, p. 307-322, mai./ago. 2014. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/2803/2971>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

GESCHÉ, Adolphe. **O sentido**. São Paulo: Paulinas, 2005.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto / Editora PUC-Rio, 2006.

MENDONZA-ÁLVAREZ, Carlos. **O Deus escondido da pós-modernidade**. São Paulo: É Realizações Editora, 2011.

PAULO VI, Papa. Udienza generale, 5 febbraio 1969. **Autenticamente liberi nel rispetto della verità e dell'autorità**. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1969/documents/hf_p-vi_aud_19690205.html>. Acesso em: 02 abr. 2023.

SILVA, Marta Chiara e. **Liberdade humana:** autonomia, responsabilidade e discernimento à luz da antropologia teológica. Rio de Janeiro, 2024. 153 f. Dissertação. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Marta Chiara e Silva

Doutoranda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro / RJ – Brasil

E-mail: silva.martachiara@gmail.com

Recebido em: 24/05/2025

Aprovado em: 09/07/2025